

LIDERANÇA FUNDAMENTAL: SUBMISSÃO SEM RECONHECIMENTO?¹

Sara Rosa Paixão²

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar um breve histórico do Círculo de Oração das Assembleias de Deus, com um recorte para a pesquisa de líderes capixabas do sexo feminino, com o intuito de compreender o olhar destas mulheres frente ao reconhecimento de seu trabalho e liderança. Metodologicamente trata-se de uma pesquisa bibliográfica. Contudo, foi necessário realizar uma pesquisa de campo, para dar voz às mulheres que atuam nesta organização. Foi aplicado um questionário semiestruturado para a coleta dos dados, com mulheres entrevistadas.

Palavras-chave

Círculo de Oração, Assembleia de Deus, Gênero, Liderança.

Introdução

Este artigo surge da inquietação da pesquisadora, no momento que ingressa no grupo de pesquisa Religião Gênero e Violência e Direitos Humanos (REGEVI), na Faculdade Unida de Vitória, ES. Durante três anos foi discutido e pesquisado, no referido grupo de pesquisa, o papel da mulher perante a sociedade de forma geral, e também diante da comunidade religiosa. Esses estudos incentivaram a bacharelanda no sentido de voltar seu olhar para o Círculo de Oração. Esta organização, interna das Igrejas Assembleias de Deus, é formada e liderada por mulheres, daí tratar-se de uma espécie de sociedade feminina. A pesquisadora, ao longo de sua trajetória pessoal, conviveu com mulheres líderes desta organização em função de seu ciclo familiar e social, o que também despertou seu interesse no assunto. Este artigo tem o intuito de compreender o olhar destas mulheres frente ao reconhecimento de seu trabalho e liderança. Quanto a Metodologia optou-se por uma pesquisa bibliográfica. Contudo, foi necessário realizar uma pesquisa de campo, para dar voz às mulheres que atuam nesta organização. Descreve-se então, a história do Círculo de Oração em um breve relato, em seguida relata-se a presença e liderança feminina da Igreja Assembleia de Deus, como também um capítulo voltado a não aceitação e reconhecimento desta liderança por parte da cúpula da liderança masculina, por consequência fala-se de relações de gênero dentro das Assembleias de Deus, então busca-se a compreensão do caminho das mulheres que ousam a insubordinação e o possível poder oculto destas mulheres líderes, por finalizar faz-se um

¹ Trabalho de Conclusão de Curso em forma de Artigo apresentado a Faculdade Unida de Vitória, ES, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Teologia sob a orientação do professor Julio Cezar de Paula Brotto.

² Graduanda do Curso de Bacharel em Teologia da Faculdade Unida de Vitória, ES.

relato das pesquisas realizadas com as mulheres líderes do Círculo de Oração na Grande Vitória.

Breve histórico sobre Círculo de Oração

O *Dicionário do Movimento Pentecostal* define o Círculo de Oração como: “reuniões de orações, durante o dia ou à noite, sob a direção das mulheres nas Assembleias de Deus”³. Não há documentos que comprovem a data oficial do início dos Círculos de Oração. Existem pelos menos duas versões sobre o início do Círculo de Oração.⁴

Segundo relato de Araújo, o Círculo de Oração pode ter começado em 2 de junho de 1911, 16 dias antes da fundação daquela que seria a Igreja Assembleia de Deus. Gunnar Vingren descreveu à época: “[...] tivemos culto de oração todas as noites na casa de uma irmã Celina, que tinha uma enfermidade incurável nos lábios”⁵. Ele sentia-se triste por ela não poder frequentar os cultos na igreja. Ele ainda relata que indagou se ela cria que Jesus podia curá-la e ela respondeu que sim. Então ele orou e ela ficou curada. A partir de então começou a oração em sua casa juntamente com outra irmã Maria Jesus de Nazaré, em busca do batismo com o Espírito Santo.⁶ A prática do batismo com o Espírito Santo foi apregoada pelos missionários Gunnar Vingren e Daniel Berg, prática que trouxeram da Igreja Filadélfia de Estocolmo, Suécia, de onde vieram.

A cura da senhora Celina intensifica a busca pelo Espírito Santo. Outras pessoas que vivenciaram o acontecimento passam a se interessar, uns para apurar o que acontecia, outros também interessados por participar das orações e buscarem algo especial para suas próprias vidas. Com isso a prática do Círculo de Oração foi ganhando novos adeptos com mais pessoas, avançando para outras casas na cidade.⁷

Outra versão para a história do Círculo de Oração dá conta que em Recife (PE), mais propriamente no dia 6 de março de 1942, uma senhora chamada Albertina Bezerra Barreto que tinha uma filha adoentada e deficiente, desenganada pelos médicos que diagnosticaram que viveria apenas até os oito anos de idade, resolveu realizar em sua casa um culto de oração. Albertina convidou mais sete mulheres que viessem até a casa dela e clamassem a Deus pela

³ MARQUES, Eliude. *Círculo de Oração em festa*. In: ARAÚJO, Isael de. *Dicionário do Movimento Pentecostal*, 2. ed. São Paulo: CPAD, 2002, p. 9-16.

⁴ ARAÚJO, I. *100 mulheres que fizeram a história das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 20.

⁵ VIGREN apud ARAÚJO, 2017, p. 21.

⁶ ARAÚJO, 2017, p. 20-23.

⁷ ARAÚJO, de Israel. *Frida Vigren: uma biografia da mulher de Deus, esposa de Gunnar Vigren, pioneiro das Assembleias de Deus no Brasil*. 7. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2014, p. 19.

cura de sua filha Zuleide. Por não obterem uma resposta imediata, as mulheres continuaram orando uma vez por semana. Conforme Araújo, as reuniões “[...] eram alegres, começavam às sete horas da manhã e ^{terminavam} às dezessete horas da tarde, sem vontade de sair da igreja”⁸.

Ledinha, como era conhecida a filha de Albertina, começou a andar e articular as primeiras palavras, mas as mulheres não pararam com a cura recebida, antes, continuaram a orar uma vez por semana na Congregação da Assembleia de Deus, no bairro Casa Amarela. Albertina escolheu o nome Círculo de Oração porque leu em um folheto que recebera e dizia que a oração era como círculos nos céus. Conta-se que teria dito: “Vamos circular o céus com as nossas orações.”⁹ Albertina ficou como líder do Círculo de Oração por 14 anos e diretora na capital Pernambucana, orientadora e responsável por outros grupos, até ser convidada para iniciar os trabalhos em Belo Horizonte, Minas Gerais.¹⁰

Albertina também foi convidada a organizar o Círculo de Oração em igrejas do exterior. Seu trabalho não se deteve em apenas em orar, mas também ajudar pastores em seu sustento. Há um relato sobre um pastor que precisava de uma oferta bastante significativa. Albertina convocou as irmãs do Círculo de Oração que se comprometeram em levantar a oferta. A oferta foi levantada nas reuniões do Círculo de Oração. Apesar de não haver uma data específica, os relatos dão conta de que era uma atividade de oração, mas também de ação social, desenvolvida pelas mulheres.¹¹

Atualmente, o Círculo de Oração está espalhado nas Igrejas Assembleias de Deus em todo o território brasileiro. Onde quer que haja uma Igreja Assembleia de Deus, haverá mulheres orando no Círculo de Oração.

A presença e a liderança feminina

A presença feminina na liderança da Igreja Assembleia de Deus começa em período anterior àquele que a igreja recebeu esta designação. A história relata que mulheres como Celina Martins Albuquerque, Maria de Jesus Nazaré Araújo, Maria Benvinda Saraiva da Silva, Izabel Leonizia da Silva Athaydes e Tereza da Silva de Jesus, foram mulheres que participavam da Igreja Batista de Belém no Pará, e foram convidadas a se retirar daquela

⁸ ARAÚJO, 2017, p. 152.

⁹ ARAÚJO, 2017, p. 152.

¹⁰ ARAÚJO, 2017, p. 152-153.

¹¹ ARAÚJO, 2017, p. 153.

igreja, porém continuaram a buscar a Deus e o conhecimento bíblico e tiveram uma grande importância no início da Assembleia de Deus no Brasil.¹²

Essas importantes mulheres colaboraram com orações em suas casas, que passaram temporariamente a ser o ponto de encontro daqueles que não faziam mais parte do rol de membros da Igreja Batista. Sem elas, muito provavelmente os missionários e suas pregações não teriam sobrevivido. Seus encontros cresciam em número e traziam para a igreja um número maior de pessoas. Elas dirigiam as reuniões e eram também responsáveis por convidar e dar apoio aos novos convertidos.¹³

Segundo o *Dicionário Pentecostal*, as mulheres estão presentes nas igrejas Assembleia de Deus na liderança das atividades de orações, evangelização, na pregação e no ensino, principalmente como professoras de Escola Bíblica Dominical. Também estão presentes na música e louvor. Como missionárias, dedicam-se às obras sociais. Atuam também como líderes de congregações locais. Porém não são reconhecidas como pastoras¹⁴, bem como não são remuneradas por qualquer tipo de liderança que desempenham.¹⁵

Além das mulheres brasileiras já citadas, a história lista mulheres como as missionárias sueca Lina Nystron, Frida Vingren e Sara Berg. Segundo Araújo foram 19 missionárias casadas e 20 solteiras que chegaram às terras brasileiras, representando 56,5% do grupo fundador da Igreja. Essas mulheres foram consagradas como evangelistas antes de chegarem ao Brasil, mas precisavam ter uma profissão. Atuavam como enfermeiras, assistentes sociais, professoras, dentre outras ocupações.¹⁶

É preciso destacar que essas mulheres estrangeiras teriam que se adaptar não só à língua estrangeira, mas também a situação financeira e aos alimentos ou ausência dos mesmos. Descreve romanticamente Araújo:

Mesmo quando eles tinham apenas banana e farinha de mandioca para comer, sabiam que o poder de Deus estava presente em suas vidas. O casal Vingren passou por dificuldades com ajuda de jejum e oração. Esta foi a prova de que haviam sido escolhidos para a tão difícil tarefa.¹⁷

¹² ARAÚJO, 2017, p.19-29.

¹³ ARAÚJO, 2017, p.19-29.

¹⁴ As Assembleias de Deus no Brasil possui várias convenções espalhadas em todo Território, algumas como a CGADB, CADB, CONAMAD e as Independentes, a CGADB e as Independentes principalmente não reconhecem de modo algum o pastorado feminino.

¹⁵ DANIEL, Silas. História das Convenções Gerais das Assembleias de Deus no Brasil. In: ARAÚJO, Israel de. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. São Paulo: CPAD, 2004, p. 492-495.

¹⁶ ARAÚJO, 2017, p. 9.

¹⁷ ARAÚJO, 2014, p. 42.

Um dos destaques da liderança feminina foi Lina Nystron. Assumiu a Igreja Assembleia de Deus de Manaus por quatro meses em 1919, pois seu esposo necessitou substituir Daniel Berg nas Ilhas do Pará. Frida Vingren também substituiu seu esposo por diversas vezes no púlpito, pregando em seu lugar, pois ele possuía uma saúde frágil. Também dirigia o louvor e foi responsável por traduções e adaptações de hinos que passaram a fazer parte da Harpa Cristã. Além disto, também escreveu comentários para a revista da EBD *Lições Bíblicas*.¹⁸

Em 1925, Gunnar Vingren, um fervoroso defensor do ministério feminino na igreja, separou para diaconisa a senhora Emília Costa, uma dedicada evangelista que fazia muitos cultos nas cadeias da cidade. Essa consagração foi contestada pelos líderes assembleianos, dentre eles, Samuel Nystron. Em 1926 Joaquina de Souza Carvalho tornou-se pregadora em Canavieiras sendo ela a precursora das Assembleias de Deus baianas.¹⁹

Nos anos de 1930 a ajuda das mulheres foi fundamental para o crescimento das Assembleias de Deus no Brasil. Centenas de mulheres desempenharam importantes papéis. Matilde Brusaca pastoreou a Igreja de Tucurí, no Pará, por 10 anos. Florença da Silva Pereira foi a única mulher que liderou um campo com seis congregações que estavam sob sua responsabilidade em Sergipe.²⁰

Porém, as atividades desenvolvidas pelas mulheres nas Assembleias de Deus no Brasil incomodavam e acabaram por culminar num dos principais temas da primeira Convenção das Assembleias de Deus em Natal (RN) em 1930. Algumas mulheres estavam presentes como Frida e Beda Palm. Gunnar Vingren defendeu o ministério feminino na Convenção enquanto outros se opuseram. A doutora Valéria Cristina Vilhena faz o seguinte questionamento:

Como seria contada a história das Assembleias de Deus no Brasil se os missionários suecos e líderes brasileiros não tivessem impedido as mulheres de atuarem? Por que e como se deu seu impedimento? Quais foram os interesses envolvidos e quais foram os envolvidos?²¹

Estes questionamentos se justificam, pois ao pesquisar a história desta Igreja, percebe-se a importância do movimento feminino desta Igreja. A atuação feminina tem historicamente contribuído para um crescimento contínuo durante os 105 anos de história da Igreja. Contudo,

¹⁸ DANIEL, 2004, p. 492.

¹⁹ DANIEL, 2004, p. 492.

²⁰ DANIEL, 2004, p. 494.

²¹ VILHENA, Valéria Cristina. *Um olhar de gênero sobre a trajetória de vida de Frida Maria Strandberg 1891-1940*. 2016. 253 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2016, p. 59.

as mulheres ainda não possuem o direito de participação na liderança, na grande maioria das convenções desta instituição.

A (NÃO) aceitação da liderança masculina

Todo o fervor dos trabalhos e dedicação feminina em prol do crescimento da Assembleia de Deus não foi levado em conta para o reconhecimento por parte da liderança masculina. O trabalho, esforço e competência não foram reconhecidos por parte da maioria dos membros da liderança das Assembleias de Deus no Brasil. Elas se fazem presentes desde a sua fundação. Dos 18 fundadores, 11 eram mulheres que se dedicaram a orar pelo crescimento e a evangelizar junto aos missionários suecos recém-chegados ao Brasil.²²

Com o passar dos anos, além das costumeiras tarefas de pregar, visitar enfermos, confeccionar roupas, pregar e ensinar nos presídios e cuidar das atividades de cunho social, Frida Vigren, com apoio de seu esposo, teve acesso à imprensa e passou a escrever nos periódicos, *Som Alegre e Boa Semente*. Seu esposo era o pseudo dirigente, uma vez que quem realmente assumia a direção era a própria Frida.²³

A princípio, Frida era a única mulher escritora e colaboradora, compondo hinos e redigindo os comentários utilizados na Revista *Lições Bíblicas*. Contribuiu ainda com artigos e poesias para o Jornal *Mensageiro da Paz*. Esses artigos eram tidos por edificantes e foram bem recebidos por parte da liderança desta denominação. Porém ao participar da reunião convencional em 1930, esperava que o destino dos periódicos *Boa Semente* e *O Som Alegre*, permanecessem sob a direção de seu esposo, pois na realidade, como já foi dito, quem os dirigia era ela.²⁴

Como apresentado anteriormente, na primeira convenção realizada em Natal, RN, foi então tratado o incômodo assunto acerca da liderança feminina na Igreja. Samuel Nystron, era opositor da ideia do ministério feminino e já havia relatado isso a Vingren, através de uma carta no ano de 1929 pois sabia que ao contrário dele, este defendia o ministério feminino. O posicionamento contrário de Nystron levou Vingren a orientar a Igreja em São Cristóvão, Rio de Janeiro, como aquela que deveria se portar “[...] concernente aos dons espirituais e ao direito da mulher pregar na igreja”²⁵. Nystron decide falar pessoalmente sobre o assunto

²² DANIEL, 2004, p. 494.

²³ ALENCAR, Gideon Freire de. *Matriz pentecostal brasileira: Assembleia de Deus - 1911-2011*. Vitória: Unida, 2019, p. 117.

²⁴ DANIEL, 2004, p. 493.

²⁵ DANIEL, 2004, p. 492-93.

viajando até a casa de Vingren, que relata esse encontro: “Samuel Nystron chegou do Pará. Não se humilhou. Sustenta que mulher não pode pregar nem ensinar, só testificar. Disse mais que provavelmente vai embora do Brasil”²⁶.

Ao buscar dados para pesquisa, surgem dados controversos que trazem inquietação por não estar claro o motivo da rejeição ao ministério feminino e nem a base teológica utilizada por Nystron. O mesmo tem sua formação teológica na mesma escola que também formou outros missionários e missionárias ao serviço de evangelização, como Vingren. Logo, qual seria a resistência de Nystron em relação ao exercício de liderança feminina, uma vez que eles foram preparados para a missão pela mesma escola que tinha uma visão de igualdade entre os missionários enviados?

Araújo descreve que os missionários “[...] evitavam os títulos de pastor ou diáconos, desde que pudessem estar entre os ‘elevados entre as gentes’”²⁷. Também afirma “[...] que as mulheres transitavam no movimento pentecostal com maior e mais liberdade que posteriormente”²⁸.

As mulheres estiveram lado a lado com os homens como palestrantes na Primeira Semana de Escola Bíblica do movimento pentecostal sueco. Eram chamadas igualmente de “testemunhas do Senhor”²⁹. Outras semanas de Escola Bíblica foram realizadas e em todas as mulheres estavam entre os que ensinavam. Em 1917 a editora da Igreja Filadélfia de Estocolmo publicou um documento sobre as diretrizes do movimento pentecostal. Este documento apontava questões sobre o ensino. Seu prefácio foi escrito por Lewi Pethrus que descreveu:

[...] que o encargo das mulheres não se restringia a própria família. Sobre as mulheres se disse que teriam uma grande responsabilidade no crescimento da igreja de Deus. O papel das evangelistas era, em parte, pregar os fundamentos da fé cristã e em parte, ensinar de forma que os novos convertidos pudessem crescer em sua fé. Na realidade, a maioria dos evangelistas suecos eram mulheres.³⁰

As mulheres eram preparadas para missão pelo movimento pentecostal sueco. Após serem consagradas missionárias frequentavam o Instituto Bíblico da Evangeliska Fosterlands-Stiftelsens EFS (Associação Evangélica da Pátria), e estavam ligadas a uma agência missionária. Eram enviadas a lugares onde não havia nenhuma igreja pentecostal. Precisavam

²⁶ DANIEL, 2004, p. 493.

²⁷ ARAÚJO, 2014, p. 27-28.

²⁸ ARAÚJO, 2014, p. 27-28.

²⁹ ARAÚJO, 2014, p. 28.

³⁰ PETHRUS, Levi apud, ARAÚJO, 2014, p. 28.

trabalhar como evangelistas em seu país primeiro para depois serem enviadas como evangelistas. As mulheres desenvolviam o trabalho pioneiro, evangelizando e levando pessoas à Cristo.³¹

Partindo destas informações, principalmente pelo fato que Nystron e sua esposa também terem se formado na mesma escola com os mesmos princípios cristãos, não era de se esperar que o posicionamento de Nystron encontrasse tamanha repercussão e que mantivesse uma resistência tão constrangedora no Brasil, em relação às atividades exercidas pelas missionárias suecas e mulheres brasileiras convertidas por intermédio da evangelização das mesmas.

É controversa ainda a posição de Nystron, porque embora fosse contra o reconhecimento da mulher na liderança da igreja, contava com ajuda de Frida quando achava necessário. Este comportamento é relatado em um de seus escritos: “A irmã Frida Vingren e eu trabalhamos em colaboração. Muitos foram salvos e batizados nas águas e Jesus continuava batizando no Espírito Santo”³². Frente à toda essa rejeição, Nystron recebe apoio dos pastores nordestinos, e na Convenção de 1930, ao final dos debates sobre esse assunto, ocasião em que Frida e a missionária Beda Palm participaram ativamente das sessões, foi tomada a decisão, cujo registro se encontra no Jornal O Pioneiro.

As irmãs têm todo o direito de participar na obra evangélica, testificando de Jesus e sua salvação, e também ensinando quando for necessário. Mas não se considera justo que uma irmã tenha a função de pastor de uma igreja ou ensinadora, salvo em casos excepcionais mencionados em Mt. 12:3-8 [referência ao princípio de estado de necessidade]. Isso deve acontecer somente quando não existam [isto é, existirem] na igreja irmãos capacitados para pastorear ou ensinar.³³

Após a Convenção Geral de 1930, as convenções que se sucederam não trouxeram mudanças de reconhecimento para as mulheres. Foi permitido que as esposas de missionários e de obreiros nacionais participassem das audiências dos estudos bíblicos, sempre ministrados pelos seus esposos e outros obreiros. Com avançar dos anos, foram reservados espaços nos cultos públicos dominicais noturnos para a participação feminina.

³¹ ARAÚJO, 2014, p. 18, 28-29.

³² NYSTRON, Samuel, apud DANIEL, 2004, p. 493.

³³ ARAÚJO, 2014, p. 29-30.

Como reconhecimento tardio e não amplo, foi criada nos anos 1990 a União Nacional das Esposas de Ministros da Assembleia de Deus (UNEMAD).³⁴ Através desta organização elas se reúnem paralelamente durante as reuniões das Convenções Gerais.

Relações de gênero na Assembleia de Deus

Não seria possível escrever este artigo sem que se dedicasse parte do mesmo para discutir as relações de gênero na Assembleia de Deus. No caso deste artigo, especificamente voltado ao tema da mulher, cuja presença se faz notar desde a fundação do Círculo de Oração, ocorrida antes da fundação da própria Igreja, bem como na fundação das próprias Igrejas Assembleias de Deus.

Há no Brasil e na América Latina marcantes questões de desigualdades no que diz respeito ao reconhecimento das mulheres enquanto líderes na Igreja. Contudo, há também conquistas de grande relevância, que têm levado a este reconhecimento de igualdade de gênero.³⁵

Isto ocorre também com outras mulheres em todas as profissões. Contudo, no ambiente religioso, no qual elas são a grande maioria, continuam sendo ignoradas e não reconhecidas, apesar de ocuparem cargos iguais aos dos homens. Para Alencar, as mulheres em Atos dos Apóstolos, “[...] receberam o Espírito Santo no mesmo dia, local e da mesma forma que os homens”³⁶. Ainda assim, essas mulheres que proclamam a mensagem, plantam igrejas e constroem seus templos, não são lembradas na oficialização dos templos e não são registrados seus feitos na história denominacional.³⁷

Para Scott, a noção de gênero pode ser descrita como “[...] um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos (e como) um primeiro modo de dar significado às relações de poder”³⁸. Essa visão distorcida sobre o real significado e implicação do que é gênero transmite um legado de submissão e exclusão da mulher na sociedade, principalmente latino-americana.

Simone de Beauvoir descreve gênero sobre outra perspectiva:

³⁴ ALENCAR, 2019, p. 123.

³⁵ VILHENA, 2016, p. 120.

³⁶ ALENCAR, 2019, p. 117.

³⁷ SANZANA, Elizabeth Del Carmem Salazar. *Todas seríamos rainhas*. História do pentecostalismo Chileno da perspectiva da mulher (1909–1935). 2000. 346 f. Tese. (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Faculdade Metodista, São Bernardo do Campo, 2000, p. 85.

³⁸ SCOTT, Joan Wallach. *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica*. Recife: SOS Corpo, 1995, p. 14.

[...] Todo mundo diz: gênero é uma construção social. Muitas vezes, porém, quem diz nem sabe o que isso significa; mas todo mundo está de acordo que o gênero não é biológico, que ele é social. Esse é o único acordo; não existe consenso sobre mais nada; cada uma pensa o gênero de maneira diferente: umas são pós-modernas, outras são humanistas, outras partem da diferença sexual, outras são indiferentes a diferença sexual [...] cada pessoa tem a liberdade de pensar o que bem entender, e depois quem sabe, quando essas ideias amadurecem, haverá um corpo mais coeso de teorias, ou então, talvez uma teoria feminista. Mas eu duvido muito, exatamente por causa das interseções de classes, de etnia, que impedem a existência desta homogeneidade.³⁹

Percebe-se que ainda é determinante as relações sociais de gênero, pois através destas relações as mulheres perdem espaços que muitas vezes construiu ou ajudou a construir, então se veem na obrigação de recriar uma situação ou se acomodar como uma mera participante. Ferreira analisa que as mulheres brasileiras enfrentam um contexto social permeado por desigualdade:

Esse papel exercido de mulher/mãe/esposa, foi construído por várias gerações, numa ordem patriarcal predominante e que prevalece até hoje. A preocupação com a família e com os afazeres da casa retratam a permanência, na cultura popular, de resquícios de subalternidade que a mulher sofreu (e sofre) na sociedade brasileira por ter sido imposta a ela a esfera doméstica com todas as atribuições inerentes aos cuidados para a sobrevivência dos entes familiares.⁴⁰

As mulheres latino-americanas vivem em uma sociedade machista em que seu reconhecimento, quando ocorre, advém apenas de tarefas consideradas femininas. São consideradas *virtuosas* na medida em que executam ou reproduzem com *excelência* os papéis direcionados a elas que são basicamente papéis sociais entendidos como femininos: forma de submissão na relação com o homem. A tarefa repetitiva de cuidar da casa, do marido, dos filhos, se estende para o espaço dos serviços domésticos da igreja. Vilhena descreve que

[...] é muito favorável para os líderes religiosos que as mulheres religiosas cuidem da igreja como a própria casa, que levem para casa as toalhas da ceia para lavar, passar e devolvê-las dobradinhas, mantenha a limpeza dos banheiros, que limpe e troquem as rosas dos vasos e assim por diante. Enquanto elas se ocuparem com os serviços “domésticos” na igreja, como a extensão do lar, elas serão muito bem vindas à igreja, mas caso contrário, tornam-se mulheres perigosas, pois podem contestar o papel que lhe foi imposto.⁴¹

Há de se destacar que as mulheres que convivem neste contexto possuem uma jornada tripla de trabalho, em que não são reconhecidas e muitas vezes não são remuneradas, sendo

³⁹ DE BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014, p. 132.

⁴⁰ FERREIRA, Maria José de R. *A inserção feminina na formação técnico-profissional: proposta de um programa estratégico para implementar sua participação nos Cursos de Mecânica e de Eletrotécnica do CEFETES*. 2003. 151 f. Dissertação (Mestrado Profissional) - Programa de Pós-Graduação em Educação do CEFET-ES, Vitória, 2003 Tese de Doutorado Vitoria.2003, p. 5.

⁴¹ VILHENA, 2016, p. 126.

consideradas suas tarefas uma espécie de *trabalho voluntário*. No que diz respeito à valorização do trabalho da mulher quando comparado ao do homem, Kergoat afirma que:

[...] a divisão sexual do trabalho possui dois grandes princípios organizadores, que são os princípios de separação - onde se diferencia os trabalhos, como sendo de homem ou de mulheres - e o princípio de hierarquização - onde o trabalho masculino é mais valorizado que o trabalho feminino.⁴²

Vilhena confirma esta percepção acima quando relata que os serviços prestados por mulheres, especialmente as assembleianas, estiveram, desde o princípio, ligados ao trabalho gratuito, sendo este a extensão do trabalho de seu lar. Entretanto, quando estas mulheres almejam desempenhar funções que redundem em alguma forma de remuneração, esta intenção se tornará um problema. Os homens da igreja sempre questionarão a real necessidade de pagamento alegando que alguma mulher ou mulheres poderão desempenhar tal atividade. Se, por fim, houver a opção pelo pagamento, o salário será sempre inferior ao dos homens.⁴³ Isto reflete o que ocorre na sociedade latino-americana e no Brasil de forma particular.

É válido destacar que embora o Brasil e a América Latina tenham uma forte legislação referente à questão de gênero, não se pode negar que é preciso buscar de maneira persistente e incansável o rompimento do poder patriarcal, pois o patriarcalismo se manifesta a princípio nos lares e transparece abertamente no contexto cultural e social dos povos latinos e também no contexto religioso.⁴⁴

Entende-se então que a questão de gênero está ligada a uma relação de poder e de classificação de padrões pré-estabelecidos com articulações que implementaram as diferenças entre o sexo feminino e o masculino, que através dos tempos gerou uma hierarquização do corpo masculino sobre o feminino o que acabou afetando assim as construções sociais. Essas hierarquizações perpassaram as políticas e as fizeram diferentes para homens e mulheres, desbancando em um desequilíbrio social entre eles, ao invés de uma completude e similaridade.⁴⁵ Em certo sentido é o que a história das Assembleias de Deus no Brasil descreve sobre as mulheres.

Insubordinação? Um caminho a perseguir?

⁴² KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: TEIXEIRA, Marilani et al (Orgs.). *Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as políticas públicas*. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003, p. 54.

⁴³ VILHENA, 2016, p. 33.

⁴⁴ KERGOAT, 2003, p. 60.

⁴⁵ VILHENA, 2016, p. 126.

Está patente na história que as mulheres influenciam o meio em que estão inseridas. Elas podem fazer com que as pessoas as sigam transformando e melhorando a comunidade e a sociedade. Não se pode negar que as transformações ocorridas na atuação dos líderes, principalmente da história das Assembleias de Deus no Brasil, foi direcionada pelo entusiasmo e atuação da mulher. Mesmo sendo ignoradas e até mesmo apagadas da história, não existiria a Assembleia de Deus sem o trabalho delas. Vilhena relata que “Frida e outras mulheres tiveram suas histórias apagadas no pentecostalismo brasileiro e conseqüentemente perderam sua apresentação como protagonista desta história”⁴⁶.

Frida, a missionária sueca, foi uma figura fundamental no ministério feminino. Era aquela que sua chamada para a missão estava latente aos olhos das lideranças. Destacava-se nas atividades que deveriam ser exercidas pelos pastores. Araújo descreve sobre Frida: “Ela foi de grande ajuda para Vingren em orações, cânticos, visitas”⁴⁷. Acrescenta em sua análise que ela “[...] era uma mulher enérgica em tudo tendo desprendimento em compreender e resolver todas as situações num só momento. Porém, era muito alegre e bondosa sempre”⁴⁸. Os dezesseis anos vividos no Brasil deixaram um legado muito importante: vinte quatro hinos na *Harpa Cristã*, todos registrados em seu nome; dirigiu culto nos presídios; trabalhou no jornal oficial da denominação sendo a editora e a redatora.⁴⁹

Ao abordar o não reconhecimento de Frida por parte da liderança da Assembleia de Deus, Alencar destaca que “[...] na teorização teológica pentecostal, há igualdade entre homens e mulheres, na prática eclesiológica a coisa é outra”⁵⁰. Vilhena comunga também desta ideia ao descrever que Frida foi mantida anos na invisibilidade dentro da história oficial das Assembleias de Deus, na qual ela ocupa uma posição secundária e não protagonista.⁵¹

Um dos fatos que pode estar ligado ao não reconhecimento de sua liderança, pode ser o seu casamento com Vingren, onde ela assume seu nome e conseqüentemente a submissão que lhe é imposta pelo sistema que as instituições às quais estava ligada, tanto no Brasil, quanto na Suécia, sendo a agência de missões que o sustentavam.⁵²

Para Vilhena as histórias contadas em biografias que descrevem Frida destacam-na sempre como uma mulher de Deus, esposa de Gunar Vingren, o fundador. Não sendo

⁴⁶ VILHENA, 2016, p. 47.

⁴⁷ ARAÚJO, 2016, p. 48,49

⁴⁸ ARAÚJO, 2016, p. 48,49

⁴⁹ ALENCAR, 2019, p. 117.

⁵⁰ ALENCAR, 2019, p. 117-18.

⁵¹ VILHENA, 2016, p. 47.

⁵² VILHENA, 2016, p. 48.

reconhecida a importância imprescindível de seu trabalho na expansão da Igreja Assembleia de Deus no Brasil. Para a autora “[...] a trama entre o poder e gênero, o processo político está marcado pelo trabalho oculto das mulheres diante do poder do macho em que legitima o poder do macho”⁵³.

Para Alencar, o homem tem a participação prioritária nos ritos, um fator fundamental, que sanciona a incompatibilidade sagrada da mulher, uma vez que a participação feminina nos ritos está ligada ao *profano* e não ao *sagrado*.⁵⁴

Então é importante que para o bom funcionamento das estruturas sociais, que tudo continue como está, onde a mulher é reconhecida como boa serva e uma boa primeira dama, mas nunca uma grande líder. Essa é a estrutura que vem sendo repetida ao longo da história desta instituição. A liderança natural de Frida e o ministério assumido por ela, mas sem uma ordenação oficial provocou muito incômodo aos líderes suecos-nordestinos⁵⁵, de tal forma que foi levado à Primeira Convenção Geral em 1930 o tema sobre o ministério feminino e até onde elas poderiam atuar. Embora Beda Palm e Frida tenham participado ativamente das sessões, porém foram caladas em função do documento que se tornaria o direcionamento para o ministério feminino dali em diante.

Outro alvo de Nystron não estava apenas voltado ao púlpito, mas também calar a qualquer custo as irmãs assembleianas que estavam à frente de qualquer outro trabalho inclusive os jornais, nos quais Frida trabalhava. Seu intento era unificá-los o que fez nascer o *Mensageiro da Paz*, o jornal oficial da Igreja até os dias atuais. Porém, os conflitos recomeçam, quando o primeiro exemplar do *Mensageiro da Paz* é lançado e o nome de Frida aparece como redatora. A reação veio em seguida quando um dos líderes, Joel Carlson, envia uma carta a Lewi Pethros, responsável pelos missionários no Brasil.⁵⁶

Todos aguardavam ansiosos pelo novo jornal e quando chegou: “Redator: Frida Vingren”. Foi um tapa na cara. [...] Então, depois de um tempo, veio o artigo “O Pastor”, ele literalmente acendeu o fogo e as tensões ficaram ainda maior. Sinto que algo deve ser feito para que este trabalho glorioso não seja derrotado, pois não haverá volta. Todos os irmãos que eu conversei estão sofrendo com esse trabalho da irmã Frida.⁵⁷

⁵³ VILHENA, 2016, p. 49.

⁵⁴ ALENCAR, 2019, p. 117.

⁵⁵ ALENCAR, 2019, p. 121.

⁵⁶ FRIDA, apud VILHENA, 2016, p. 85.

⁵⁷ VILHENA, 2016, p. 92.

Frida se manifesta sabiamente com os recursos possui. Escreve um artigo para o *Jornal Mensageiro da Paz*, conclamando as mulheres que tinham acesso a este periódico, que de certo modo reagissem e dessem continuidade nas atividades de missionárias, de diaconisas e até de pastoras não consagradas, não se contentando apenas com os cultos de quinta à noite em que tinham acesso aos púlpitos para ensinar e dar testemunhos.⁵⁸ Alencar registrou o texto de Frida endereçado a essas mulheres:

Despertemo-nos, para atender o chamado do Rei, alistando-nos nas suas fileiras. As irmãs das “Assembleias de Deus”, que igualmente, como os irmãos têm recebido o Espírito Santo, e, portanto, possuem a mesma responsabilidade de levar a mensagem aos pecadores precisam convencer-se que precisam fazer mais do que tratar dos deveres domésticos. Sim, podem também, quando chamadas pelo Espírito Santo, sair e anunciar o Evangelho. Em todas as partes do mundo, e especialmente no trabalho pentecostal, as irmãs tomam grande parte na evangelização. Na Suécia, país pequeno com cerca de 7 milhões de habitantes, existe um grande número de irmãs evangelistas, que saem por toda parte anunciando o Evangelho, entrando em lugares novos e trabalhando exclusivamente no Evangelho. Dirigem cultos, testificam e falam da palavra do Senhor, onde há uma porta aberta. (Os que estiveram na convenção em Natal e ouviram o pastor Lewi Pethrus falar desse assunto sabem que é verdade). Por qual razão, as irmãs brasileiras hão de ficar atrasadas? Será que o campo não chega, ou que Deus não quer? Creio que não. Será falta de coragem? Na “parada das tropas” a qual teve lugar aqui no Rio, depois da revolução, tomou também parte, um batalhão de moças do estado de Minas Gerais, as quais tinham se alistado para a luta.⁵⁹

Frida foi continuamente frustrada, perseguida e cada vez mais podada, e ela escreve falando sobre o assunto em seu diário, esperando que o tempo de tribulação passasse:

Somente o Senhor sabe das tribulações e sofrimentos que temos passado como preço por esse trabalho. Tem sido dias e noites de oração, lágrimas e agonia [...]. Durante todo este tempo, tenho me sentido completamente esgotada dos nervos e também sofrido do coração [...]. Não quero defender-me, pois não sou perfeita [...]. Uma coisa quero dizer [...], estou pronta para continuar assim.⁶⁰

Alencar analisa o suspiro de Frida ao buscar apoio com as mulheres de sua instituição. Quando ela as conclama para se posicionarem, não menospreza os afazeres domésticos, antes as incentiva para realizarem um pouco mais, e não apenas aquilo que os outros queiram que elas fizessem. Destaca que as mesmas busquem ocupar um patamar de igualdade com os homens. Há um ideal teológico e um reconhecimento de que foram chamadas a pregarem o

⁵⁸ CASTELHANO, E. *Ministério Feminino na Assembléia de Deus: uma análise introdutória de suas possibilidades, limitações e perspectivas*. Juiz de Fora: Notas e Letras, 2005, p. 68.

⁵⁹ FRIDA, apud ALENCAR, 2019, p.132.

⁶⁰ CASTELHANO, 2005, p.75.

evangelho como os homens. Cristo lhes proporcionou isto, quando as chamou para a missão.⁶¹ Ela só estava requerendo o direito de exercer seu chamado. Afinal, ela não foi enviada ao Brasil como *Bibelkvinna*?⁶²

Mas a insubordinação de Frida não apenas a calou, ela foi apagada pela liderança. Seus dezesseis anos de história não fazem parte dos anais da história oficial das Assembleias de Deus no Brasil. As mulheres que cresceram na Igreja não a conhecem. Mas, para Vilhena é uma aviso claro para “[...] todas as mulheres que se atreverem a enfrentar a força masculina”⁶³.

A discussão sobre o ministério feminino na Assembleia de Deus sempre volta à pauta. A última vez em que o assunto foi tratado na Convenção Geral de 2001, em Brasília. Nesta ocasião, a proibição do pastorado feminino foi mantida. Também foi ignorado o fato que as mulheres correspondem a aproximadamente 67% (sessenta e sete por cento) dos membros ativos desta Igreja.⁶⁴ Elas são ordenadas a missionárias, diaconisas, mas toda potencialidade feminina fica presa àquilo que ainda impera no universo liderado por homens. Castelhana pauta que “[...] a Assembleia de Deus no Brasil ainda é devedora de uma discussão mais aprofundada e imparcial desta temática”⁶⁵.

Poder oculto: a força da liderança feminina assembleiana

O Círculo de Oração é um espaço feminino, de liderança e coordenação feminina. É uma espécie de *poder oculto*⁶⁶ que não possuiu um lugar concreto na realeza das lideranças das Assembleias de Deus. Elas não conseguiram ainda galgar seu reconhecimento com cargos de real representatividade. Porém, para Marina Correa, mesmo essas mulheres anônimas, orientam muitos pastores, pois muitas delas sabem articular opinião como ninguém. Opiniões estas, que muitas vezes influenciam outras mulheres a não se voltarem contra as ordens recebidas diretamente, mas esperando a hora certa para agir com perspicácia. A autora

⁶¹ FRIDA, apud ALENCAR, 2019, p.131.

⁶² BIBELKVINNA. Antiga palavra sueca para designar uma mulher que exercia o ministério de ensinadora da Palavra de Deus nas igrejas. Cf. ARAÚJO, 2014, p. 32.

⁶³ VILHENA, 2016, p. 93.

⁶⁴ VILHENA, 2016, p. 94.

⁶⁵ CASTELHANO, 2005, p.13.

⁶⁶SILVA, Dalexon Sérgio da. SILVA, Rejane Maria da. *Uma Análise Discursiva da Posição-Sujeito de Dirigentes do Círculo de Oração na Assembléia de Deus no Recife*. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA RELIGIÃO E TEOLOGIA, 3., 2016, PE, Anais... Pernambuco: UNICAP, 2016, 295-315, p. 306.

entende que “[...] elas não são cabeças, mas o pescoço de seus maridos”⁶⁷. No seu anonimato fazem prevalecer suas posições em muitas decisões importantes.

Seu poder oculto se encontra em um número muito expressivo de mulheres espalhadas por todo o país, que quando se reúnem alcançam números significativos de até 850 mulheres, em um evento paralelo às eleições da CGADB.⁶⁸

As mulheres do Círculo de Oração seja aquelas que são os pilares das igrejas, muitas delas fizeram parte das fundações de suas comunidades, e sustentam seus pastores com orações, e por muitas vezes executam serviços de visitas aos enfermos, socorro aos carentes, e em alguns casos, ainda sustentam financeiramente alguns pastores que estão no início de suas caminhadas. Porém, elas ainda estão encobertas pela figura masculina de seus esposos e pastores; na maioria das vezes sob o poder dominador de seu líder religioso.⁶⁹

O poder então é algo que se exerce, está inserido em toda a estrutura social, se produz e reproduz, brotando por todas as partes beirando a onipotência, uma vez que se olha e o enxerga em todos os lugares, não existe um espaço onde o poder não esteja no controle da sociedade em que vivemos. Ele emana o domínio, vai direcionando e modificando as relações e está de força em locais em que ele está plantado. É uma instância produtiva. Segundo Ibanez, o poder produz saber, engendra procedimentos e objetos de saber, portanto o “[...] poder não funciona a partir do soberano, mas a partir dos sujeitos”⁷⁰.

As mulheres do Círculo de Oração representam então o poder invisível desta denominação. Como descreve Marina Correa, as mulheres atuam em áreas em que seus pastores e maridos não conseguem atuar. Ainda que sejam as que dizem respeito aos assuntos familiares e até mesmo assuntos de cunho político, amorosos, religiosos, que lhes são confiados sem nenhuma dificuldade.⁷¹ Esse poder, ainda que oculto, também está ligado ao processo de escolha dos pastores das congregações locais, quando são eleitos ou exonerados.⁷²

Para a pesquisadora Marina Correia há um questionamento incompreendido até então: por que essas mulheres ainda se limitam às regras impostas a elas pelo código de regras morais e éticas ditada pelos homens? Essas mulheres muitas vezes são as primeiras a chegarem às igrejas e as últimas a saírem. Organizam os cultos, limpam os templos,

⁶⁷ CORREA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. *A operação do carisma e o exercício do poder: a lógica dos ministérios das igrejas Assembleias de Deus no Brasil*. São Paulo: Recriar, 2018, p. 317.

⁶⁸ CORREA, 2018, p. 318.

⁶⁹ CORREA, 2018, p. 319.

⁷⁰ IBÁÑEZ, Tomás. *Poder y libertad*. Barcelona: Hora, 1982, p. 99-100.

⁷¹ CORREA, 2018, p. 318.

⁷² CORREA, 2018, p. 319

coordenam o grupo de louvor e o conjunto do Círculo de Oração. O que as impede de exercerem e perceberem este *poder occultu*?⁷³

Mesmo sendo parte deste poder invisível, as líderes estão sempre à sombra de um homem, seja seu marido, seja seu pastor, e acabam por reproduzir o patriarcalismo deles nas relações entre as mulheres que lhe são subordinadas. A hereditariedade, onde a liderança normalmente é transferida de mãe para filha, faz com que este poder se mantenha direcionado para obedecer ao líder, o cabeça, seja dentro de casa seja na igreja, ou seja, no Círculo de Oração.⁷⁴

Mundo da vida e mundo vivido

Percebeu-se que era necessário realizar uma pesquisa de campo para dar voz à algumas mulheres da Assembleia de Deus. Para tanto aplicou um questionário semiestruturado. Contou com a participação de 10 (dez) mulheres que estão ou estiveram ativas na liderança de um Círculo de Oração. Estas mulheres, provenientes de municípios da Grande Vitória, estado do Espírito Santo, estão assim distribuídas: 3 (três) de Vila Velha, 2 (duas) de Vitória, 3 (três) de Cariacica e 1 (uma) da Serra. Os nomes das respondentes e das igrejas que frequentam serão omitidos para resguardar a privacidade das mesmas.

As respondentes ao questionário se identificaram como casadas, 9 (nove) e separada não judicialmente, 1 (uma). A faixa etária das respondentes variou entre 48 (quarenta e oito) a 65 (sessenta e cinco) anos. A escolaridade destas líderes varia de Ensino Fundamental completo a Pós Graduação, sendo então duas com Ensino Fundamental completo, três não completaram o Ensino Médio, duas possuem Ensino Médio Completo, uma é Pós-graduada em Psicologia, uma é Contadora e a última Pedagoga. Quatro destas líderes se declaram donas de casa, uma é cabeleireira, outras duas são vendedoras autônomas.

Dos cargos exercidos na igreja, 3 (três) são missionárias e 7 (sete) dirigentes do Círculo de Oração, sendo que 8 (oito) delas são esposas de pastores. Metade delas identificou-se como oriunda de outras religiões. As outras metade identificaram-se como tendo nascido em um lar evangélico. O tempo em que são membros de uma Igreja Assembleia de Deus variou entre 28 (vinte e oito) a 50 (cinquenta) anos, assim como o tempo de liderança oscilou entre 12 (doze) anos a 30 (trinta) anos.

⁷³ CORREA, 2018, p. 319,320.

⁷⁴ CORREA, 2018, p. 322.

Questionadas quando se sentiram chamadas para a liderança, suas respostas revelam motivos variados: liderança familiar, liderança natural advinda de atividades com crianças e adolescentes e em função da música. Uma das entrevistadas destacou a liderança hereditária, pois, a mãe foi presidente do Círculo de Oração por 40 anos, e a mesma assumiu o lugar da mãe e já está liderando este grupo de 450 mulheres há 20 anos.

Indagadas se alguma vez foram impedidas de falar ou exercer seu ofício, as respostas foram unânimes. Foram impedidas diretamente, ou foram colocados alguns empecilhos. Uma das entrevistadas relatou que em determinado culto em que pregava, o pastor não gostou da mensagem, tomou o microfone, fez com que ela se assentasse e a humilhou.

Outro questionamento era sobre a sentir-se injustiçada ou perseguida. Todas foram unânimes em afirmar que sim. Inclusive afirmaram que há uma relação entre suas vidas e a de Jesus que também foi injustiçado. Uma relatou que por fim acaba se conformando com a situação. Porém, outras três demonstraram alguma mágoa por se sentirem esquecidas ou por causa da idade.

Perguntadas se na compreensão delas o trabalho por elas desenvolvido ajudou no crescimento de suas igrejas locais, suas respostas indicam que as atividades por elas foram extremamente importantes para o crescimento, mas não houve uma demonstração clara através de números ou estatística para a comprovação da percepção delas.

Uma das perguntas questionava se foram ordenadas para o exercício de algum cargo que lhe dava autonomia como o de pastoras. As respostas indicam que na Assembleia de Deus as mulheres não são consagradas ou ordenadas a pastoras. Apesar de uma delas afirmar que lidera uma igreja e as congregações, e ser reconhecida pelos membros como pastora, ela não é ordenada ou consagrada porque o marido dela é que de fato é o pastor reconhecido pela denominação. Uma das respondentes afirmou que foi presidente da União das Esposas de Ministros das Assembleias de Deus no Espírito Santo - UNEMADES por 4 anos, tendo liderado 2000 (duas mil) mulheres, mas todas as decisões passam pelo crivo do presidente da convenção. Logo, em sua conclusão, não houve e não há autonomia.

Por fim, foram questionadas se, sentiam-se reconhecidas pelo trabalho realizado em suas comunidades. Declararam que percebem o reconhecimento por parte dos membros e até mesmo de pessoas de fora da igreja, mas da Igreja, enquanto instituição, não se sentem reconhecidas ou valorizadas.

Foi possível constatar através das respostas acima expostas que de fato no mundo da vida ou no mundo vivido os desafios das mulheres líderes na Igreja Assembleia de Deus continuam muito grandes e carecem de amadurecimento por parte delas para lidarem com os

mesmos. Caberia ainda dizer que é muito atual a conclamação de Frida para darem continuidade nas atividades de missionárias, de diaconisas e até de pastoras não consagradas.⁷⁵

Conclusão

Ao iniciar esta pesquisa por sugestão de meu orientador, tinha uma leve impressão que conhecia a história das mulheres, líderes do Círculo de Oração. Por ser filha de pastor assembleiano neta e filha de dirigentes do Círculo de Oração, participei das atividades e das festas ajudando-as muitas vezes nas organizações de eventos. Porém, a pesquisa me levou a horizontes que jamais tive conhecimento durante o tempo que frequentei a denominação. Nunca me contaram sobre Frida. Nenhuma das pessoas que cresceram comigo no convívio denominacional conhece a história desta mulher e de outras pioneiras. Porém, a oportunidade de pesquisa permitiu entender que no Estado do Espírito Santo, que também não aparece em nenhum livro de história das mulheres da Assembleia de Deus, existem mulheres que trabalham e estão escrevendo a história desta denominação, seja através das ações do Círculo de Oração, seja por meio da liderança não reconhecida nas diversas igrejas e congregações.

Percebe-se a necessidade de dar continuidade na pesquisa ora iniciada, por se tratar de um tema muito amplo. Entende também que aquele que não conhece a história das mulheres no desenvolvimento da denominação, tende a repetir o passado, retirando a trajetória das Fridas do passado e do presente dos anais da história desta igreja, fazendo com que suas líderes sejam apagadas ou esquecidas.

Neste ponto, reconhece a pesquisadora, que dar voz às mulheres é o melhor caminho para que possam ser empoderadas diante de um sistema patriarcal que tem interesses particulares no sentido de manter as mulheres desempenhando funções que não são reconhecidas. Ouvir as vozes das participantes da pesquisa levou a pesquisadora a perceber a força imaterial dessas mulheres ao longo da história.

Referências

ALENCAR, Gideon Freire de. *Matriz pentecostal brasileira: Assembleia de Deus - 1911-2011*. Vitória: Unida, 2019.

⁷⁵ CASTELHANO, E, 2005, p. 57

- ARAÚJO, de Israel. *Frida Vigren: uma biografia da mulher de Deus, esposa de Gunnar Vigren, pioneiro das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 7. ed., 2014.
- CASTELHANO, E. *Ministério Feminino na Assembléia de Deus: uma análise introdutória de suas possibilidades, limitações e perspectivas*. Juiz de Fora: Notas e Letras. 2005.
- CORREA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. *A operação do carisma e o exercício do poder: a lógica dos ministérios das igrejas Assembleias de Deus no Brasil*. São Paulo: Recriar, 2018.
- DE BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Nova Fronteira, 2014.
- DANIEL, Silas. História das Convenções Gerais das Assembleias de Deus no Brasil. In: ARAÚJO, Isael de. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. São Paulo: CPAD, 2004, p. 5, 552.
- FERREIRA, Maria José. de R. *A inserção feminina na formação técnico-profissional: proposta de um programa estratégico para implementar sua participação nos Cursos de Mecânica e de Eletrotécnica do CEFETES*. 2003. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional). Programa de Pós-Graduação em Educação do CEFET-ES, Vitória, 2003.
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas SA. 2008.
- GONÇALVES,. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2001.
- IBÁÑEZ, Tomás. *Poder y libertad*. Barcelona: Hora, 1982.
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: TEIXEIRA, Marilani et al (Orgs.). *Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as políticas públicas*. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003, p. 54.
- MARQUES, Eliude. *Círculo de Oração em festa*. In: ARAÚJO, Isael de. *Dicionário do Movimento Pentecostal*, São Paulo: CPAD, 2. ed., 2002. P. 9-16.
- SANZANA, Elizabeth Del Carmem Salazar. *Todas seríamos rainhas*. História do pentecostalismo Chileno da perspectiva da mulher (1909–1935). 2000. 346 f. Tese. (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Faculdade Metodista, São Bernardo do Campo, 2000, p. 85.
- SILVA, Dalexon Sérgio da. SILVA, Rejane Maria da. *Uma Análise Discursiva da Posição-Sujeito de Dirigentes do Circulo de Oração na Assembléia de Deus no Recife*. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA RELIGIÃO E TEOLOGIA, 3., 2016, PE, Anais... Pernambuco: UNICAP, 2016, p. 295-315.
- SCOTT, Joan Wallach. *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica*. Recife: SOS Corpo, 1995.
- VILHENA, Valéria Cristina. *Um olhar de gênero sobre a trajetória de vida de Frida Maria Strandberg 1891-1940*. 2016. 253 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2016.